

A CONSERVAÇÃO DE UMA TAMPA DE PANELA DE FERRO DO SÉCULO XIX SOBRE UMA ÓTICA TRANSDISCIPLINAR

IGOR DIAS MESQUITA¹; GERSON WENDT SCHWARTZ JUNIOR²; JULIANA
GASPAR ROSALINI³

JAIME MUJICA SALLÉS⁴

¹UFPeL– *idmeskita@gmail.com*

²UFPeL– *schwartz.junior@gmail.com*

³UFPeL– *rosalinijuliana@gmail.com*

⁴UFPeL– *mujica.jaime@gmail.com*

1- INTRODUÇÃO:

Este trabalho tem como objetivo divulgar as ações do Laboratório Multidisciplinar de Investigação Arqueológica (LÂMINA) pertencente ao Instituto de Ciências Humanas da UFPeL referente a conservação curativa e acondicionamento preventivo de um artefato arqueológico metálico vindo da escavação do sítio Theatro Sete de Abril (Pelotas-RS). A peça, uma tampa de panela de ferro do século XIX, apenas um dos vários objetos metálicos que foram recuperados nesse sítio, o artefato em questão encontrava-se muito comprometido pela corrosão, o que demandava uma série de ações de conservação curativa visando a estabilização dos processos de deterioração atuantes. O trabalho de intervenção ocorreu entre 4 de abril e 12 de maio de 2023 no LÂMINA, sob a coordenação dos professores Dr. Pedro Luis Machado Sanches, Dr. Diego Lemos Ribeiro e Dr. Jaime Mujica Sallés, da arqueologia, museologia e conservação/ restauro, respectivamente; a equipe multidisciplinar que participou da elaboração e desenvolvimento do projeto interventivo esteve formada por Juliana Gaspar Rosalini (Curso de Arqueologia – UFPeL), Jennifer Thainá da Silva Tavares (Curso Técnico em Química – IFSUL), Nicóly Ayres da Silva, Raquel Motta Corrêa Pinto Romaine e Renan Marques Azevedo da Mata (os três últimos do curso de Museologia – UFPeL).

2- ATIVIDADES REALIZADAS:

As atividades desenvolvidas estiveram enquadradas dentro do protocolo de estabilização de materiais arqueológicos metálicos do LÂMINA, sendo eles: Atribuição da Ficha de Conservação; Identificação e Numeração; Registro Fotográfico Inicial; Pesagem Inicial; Medição; Análises (organolépticos, Raio-X, etc.); Identificação das Patologias; Mapa de Danos; Descrição do Estado de Conservação; Proposta Inicial dos Tratamentos; Limpeza Investigativa; Confirmação/Adaptação dos Tratamentos Propostos; Estabilização/Inibição da Corrosão; Consolidação e Proteção

Final; Pesagem Final; Registro Fotográfico Final; Embalagem; Preenchimento da Ficha Digital e Organização das Pastas Digitais; Período de Observação; Entrega do Artefato Estabilizado e de toda a documentação associada.

Sendo assim, a primeira ação a ser tomada foi tirar dados básicos da peça, como por exemplo as suas dimensões, qual o material do artefato, a sua descrição e a sua tipologia e funcionalidade, ou seja, o que é e para que serve. Após essa etapa as conclusões atingidas foram de que se tratava de uma tampa de panela tropeira de ferro fundido do século XIX com diâmetro de 174 milímetros e espessura do corpo de 5,35 milímetros. A tampa também continha uma decoração e uma inscrição em baixo relevo, tal inscrição não pode ser decifrada por conta do estado de deterioração da peça. Foi realizado o mapa de patologias (Figura 1), um desenho a mão onde se registra as patologias observadas no artefato. O diagnóstico foi de que a peça se encontrava com alterações resultantes de processos de oxidação ativa e derivadas do uso e da forma impropria de acondicionamento, encontrando-se inapta para exibição e interpretação necessitando de uma urgente conservação curativa. O processo de conservação curativa como bem explica DE ALKMIM RADICCHI et al. (2021) é composta por tratamentos que interferem diretamente nos objetos com o objetivo de interromper os processos de degradação ativos. No caso de matérias metálicas de ferro é especialmente importante por causa da tendência termodinâmica do ferro de voltar aos óxidos e hidróxidos de ferro originais (SALLÉS et al. 2020).

As patologias e alterações da cara dorsal constatadas da peça: grande parte da superfície recoberta por argamassa e por grossas camadas de sedimentos e óxidos, também havia uma presença abundante de fragmentos de quartzo, importantes fissuras na área de contato entre sedimentos/ argamassa e a superfície original do ferro, parte da borda lateral quebrada (Figura 2); As patologias da cara ventral: estava completamente recoberta por sedimentos, fragmentos de quartzo, óxidos de ferro e resíduos grossos da alimentação nas laterais, além também de restos de argamassa (Figura 3). Foi decidido em deliberação transdisciplinar por manter-se na face ventral as evidências de resíduos de cozimento, e com relação a face dorsal, optou-se por deixar uma parte com o aspecto de como a peça foi encontrada na escavação e outra parte evidenciando a identidade original do artefato. Considerando as possíveis estratégias expositivas também se optou por aplicar uma camada de impermeabilização final que permitisse a manipulação do objeto pelo público.

As próximas etapas do trabalho seriam a limpeza investigativa, a aplicação de um inibidor da corrosão, neste caso o ácido tânico, a proteção com parafina e finalmente o acondicionamento com materiais estáveis e inertes. Para a etapa de limpeza foram utilizados bisturis e escova de cerdas de aço para a limpeza manual, e para a limpeza mecânica se utilizou micro torno e martelinho (Figura 4). Após a limpeza foi realizada a primeira aplicação de ácido tânico a 3% em solução hidro alcoólica e cinco dias depois ocorreu a segunda aplicação de ácido tânico. Posteriormente a peça foi imersa em parafina esquentada em banho maria durante 30 minutos para a impermeabilização. A etapa final foi o acondicionamento da peça em um berço de poliuretano expandido (“ethafoam”) com forração interna de tecido não tecido de polietileno de alta densidade (“Tyvek 1443R”). O artefato já estabilizado, documentado e acondicionado foi armazenado no laboratório seco do LÂMINA, onde os valores de

umidade relativa são controlados por meio de um par de desumidificadores e mediante o controle estrito das aberturas (Figuras 5 e 6). Durante todas as etapas foi feito o registro fotográfico, o qual é essencial para a documentação, extroversão e para analisar a evolução do artefato durante todos os processos.

Estas ações levaram em consideração o código deontológico da Conservação e Restauro, assim como as recomendações dos diversos especialistas na área, como: MOUREY, 1987; NORTH & MACLEOD, 1987; CRONYN, 1990; HAMILTON, 1998; RODGERS, 2004; CAMPOS & GRANATO, 2015.



Figura 1

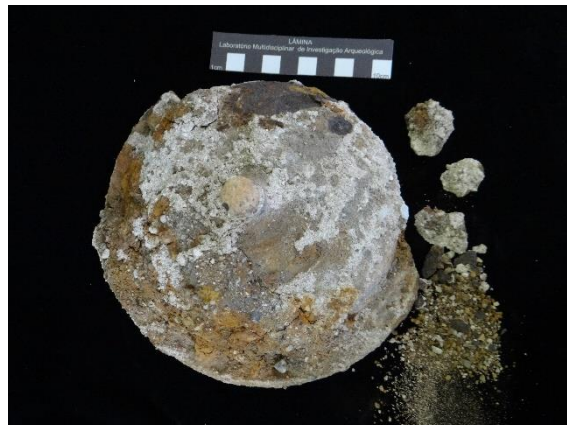


Figura 2

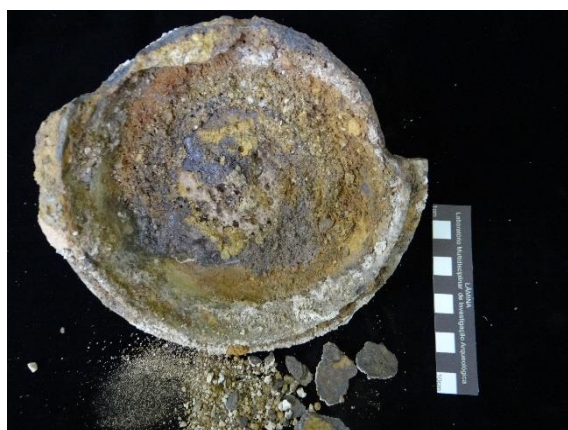


Figura 3



Figura 4



Figura 5



Figura 6

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Ao final deste projeto interventivo o artefato se encontrava estável, e segue até hoje nesse estado, estando disponível para novas interpretações e ações de extroversão. Como citado antes, uma parte da peça foi deixada como foi encontrada, pois além de ser o visual presente durante a maior parte da vida do artefato, esta decisão ainda está atrelada a extroversão, mostrando o “antes e depois” no próprio artefato.

O grande mérito desse trabalho e os demais conduzidos pelo LÂMINA é a sua multidisciplinaridade, nenhuma etapa de qualquer processo é realizada sem a consulta das áreas envolvidas como arqueólogos, museólogos e conservadores/restauradores, levando em consideração as demandas dos diversos atores sociais culturalmente vinculados. Trata-se de umas práxis não sempre replicada em outros laboratórios que demonstra como é possível tirar melhores resultados na gestão patrimonial quando se trabalha a partir de uma perspectiva multidisciplinar.

4- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CAMPOS, G. do N., & GRANATO, M. Cartilha de Orientações Gerais para Preservação de Artefatos Arqueológicos Metálicos. Rio de Janeiro: MAST. 2015.

CRONYN, J. M. The elements of archaeological conservation. Londres: Routledge, 1990.

DE ALKMIM RADICCHI, Gerusa et al. A chegada da Antártica: primeiros tratamentos de conservação. **Revista de Arqueologia**, v. 34, n. 1, p. 04-17, 2021.

HAMILTON, D. L. **Methods of Conserving Underwater Archaeological Material Culture**. 1998.

MOUREY, William. **La conservation dès antiquités métalliques de la fouille au musée**. L.C.C.R.A. Draguignan: 1987.

NORTH, N. A.; MACLEOD, I. D. **Corrosion of metals**. In: **PEARSON, Colin. Conservation of Marine Archaeological Objects**. Universidade de Michigan: Butterworths, 1987.

RODGERS, B. A. The archaeologist's manual for conservation: a guide to nontoxic, minimal intervention artifact stabilization. Nova Iorque: Kluwer Academic Publishers, 2004.

SALLÉS, Jaime Mujica et al. Os objetos de ferro nos museus: uma encruzilhada do patrimônio metálico arqueológico. **Vestígios-Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica**, v. 14, n. 2, p. 79-99, 2020.